

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA APOSENTADORIA E VELHICE

Verônica Lúcia do Rego Luna (1); Mitslav de Luna Nóbrega (1); Renata Amorim de Andrade (2); Adriele Vieira de Lima Pinto (3)

UFPB – luna.veronica@gmail.com
UNIPÊ – mitslav@outlook.com
FAMENE – renata_afisio@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Como indicado por Neri (2011), a Gerontologia social e a Psicologia do envelhecimento têm buscado integrar o envelhecer à qualidade de vida, considerando a vivência e compreensão que a pessoa idosa tem do que lhe acontece. O desenvolvimento e envelhecimento bem-sucedidos envolvem a seleção de metas, a otimização das estratégias para alcançá-las e a habilidade para compensar limitações (NERI, 2006).

Ainda são escassos os estudos que integrem questões demográficas, econômicas e psicossociais envolvidas no processo de aposentadoria, como destacado por Bressan e colaboradores (2013). Mesmo quem deseja se aposentar e tenha planos para o futuro, experimenta certa inquietação com a proximidade desta mudança. Dispor-se para a aposentadoria, em certo sentido, significa planejar o próprio envelhecimento.

O presente trabalho objetivou saber como a pessoa idosa, apta ou próxima da aposentadoria, percebe a velhice, como representa esta fase de transição e quais seus anseios e planos. Adotou-se como fundamento teórico a perspectiva do desenvolvimento ao longo da vida (*life span*) e a Teoria das Representações Sociais como ferramenta metodológica para apreensão dos significados que os indivíduos elaboram neste momento de transição. A concepção de desenvolvimento ao longo da vida (*life span*) proposta por Baltes e Smith (2004) é interpretada por Neri (2006):

(...) o desenvolvimento é um processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças orquestradas por influências genético-biológicas e sócio-culturais, de natureza normativa e não normativa, marcado por ganhos e perdas concorrentes e por interatividade entre o indivíduo e a cultura. (Neri, 2006, pág. 19)

Uma das características fundamentais do ser humano é sua capacidade de pensar: lembrar, imaginar, planejar sua vida. Imagens e práticas socialmente elaboradas e partilhadas têm sido teórica e empiricamente abordadas pela Teoria das Representações Sociais. Entende-se por representação social um conjunto de crenças, um saber do senso comum, social e

historicamente determinado. A representação social, sendo uma espécie de filtro da realidade, regula atitudes e comportamentos compatíveis com as crenças, valores e visões elaboradas e compartilhadas socialmente (MOSCOVICI, 1978, 1961; JODELET, 2001).

Espera-se que, ao explorar a relação entre velhice e aposentadoria, os dados desta pesquisa possam subsidiar programas de preparação para aposentadoria que oportunizem um envelhecimento bem-sucedido em termos de competência adaptativa do indivíduo. Refletir sobre quem somos, certamente, ajuda a decidir sobre como queremos envelhecer e o que devemos fazer para chegar à velhice com qualidade de vida.

2. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa descritiva com abordagem quanti-qualitativa, da qual participaram 35 servidores de meia idade e idosos, de duas instituições públicas da cidade de João Pessoa, Paraíba, sendo 20 pessoas de um órgão ligado ao Tribunal de Justiça da Paraíba e 15 servidores de um centro de atendimento integral à saúde o CAIS.

Para coleta dos dados, usou-se um pequeno formulário dividido em três partes: a primeira contendo itens relativos a dados sociodemográficos (idade, gênero e nível educacional); a segunda parte, uma escala sobre percepção da velhice, com 20 itens, criada por Denise Dubé (2006); e a terceira parte, um Teste de Associação Livre de Ideias para fazer emergir três palavras relacionadas ao termo indutor “Aposentadoria”, e uma questão aberta solicitando listar três “Ações para uma aposentadoria bem-sucedida”.

O sigilo e o anonimato foram garantidos aos participantes convidados a colaborar no estudo e não houve recusa de participação. A concordância de cada participante ficou consignada pela assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. Nos meses de julho e agosto do corrente ano, o instrumento foi administrado coletivamente, em sessão única, em uma sala/auditório de cada órgão, no contexto de uma palestra sobre “Aspectos psicológicos ligados à aposentadoria”, proferida pela autora principal deste trabalho, a convite das instituições.

A percepção da velhice foi obtida pela contagem de pontos na escala, cujos escores totais variam de zero a 100, sendo o escore mais elevado indicativo de maior adesão aos estereótipos. Para apreensão dos significados relativos à aposentadoria (representações e planos) empregou-se a análise do conteúdo das respostas ao teste de associação livre de palavras e das respostas à questão aberta. Este tipo de exame é largamente utilizado pelas ciências humanas e sociais na pesquisa de fenômenos simbólicos (BARDIN, 1979).

Inicialmente, procedeu-se à leitura flutuante das respostas ao termo indutor e à questão aberta, transcritas integralmente; depois se buscou ligações entre as palavras evocadas de forma a agrupá-las em categorias, quer por semelhança ou implicação com o termo apresentado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi predominantemente feminina, sendo 80% mulheres e 20% homens. A prevalência do sexo feminino neste trabalho ilustra um fenômeno brasileiro e mundial conhecido como a feminização da velhice. No país, as mulheres vivem, em média, cerca de oito anos a mais que os homens (ARAÚJO E COL, 2005). A faixa etária variou de 48 a 69 anos com média de 57 anos. A maioria com nível de escolaridade superior (80%) e (14%) com nível médio; dois participantes não informaram o nível de escolaridade (5,7%).

A percepção da velhice foi feita pelo cálculo do escore de cada participante e a apuração da média total. O escore obtido foi 57 pontos o que indica uma tendência moderada a ver a pessoa idosa de forma estereotipada. Lembrando que 100 pontos representam o auge da adesão à imagem negativa do idoso. A visão estereotipada da velhice presente no senso comum é reforçada pela literatura gerontológica que, por vezes, apresenta como naturais sintomas do envelhecimento patológico (demência, depressão, baixa autoestima), como destaca Zimerman (2000).

Sobre as representações da aposentadoria, foram computadas 105 evocações associadas ao termo “Aposentadoria”. Estas emissões foram agrupadas em duas grandes categorias: *aposentadoria como ganho* e *aposentadoria como perda*, polarizadas em termos valorativos (*representações positivas* e *negativas*), respectivamente. Imagens antagônicas da velhice têm sido reportadas em estudos anteriores (ARAÚJO et al, 2005; LUNA, 2007, LUNA, 2010).

Neste trabalho predominou a representação da *aposentadoria como ganho* (76%), ancorada em valores ligados à identidade e domínio pessoal. Palavras como *liberdade*, *autonomia*, *criatividade*, *conquista* e *oportunidade* foram citadas nesta categoria. *Liberdade* foi o termo mais evocado, dado que confirma que as mulheres consideram a aposentadoria como momento de libertação, enquanto os homens a encaram como crise de identidade (SANTOS, 1990). Outras representações positivas ligadas a valores espirituais e contemplativos também foram citadas: *sabedoria*, *dever cumprido*, *maturidade*, *descanso*, *paz*, *relaxamento*, *tranquilidade*. Valores espirituais figuram na literatura como importantes na busca do sentido da vida na velhice, como indicam Goldstein e Neri (NERI, 1993).

Presentes em menor frequência, (23,8%) as representações negativas (*aposentadoria como perda*) surgiram ancoradas em conteúdos relacionados a sintomas físicos e sentimentos ligados à velhice como doença, expressas em termos como *limitação, solidão, monotonia, inércia, medo, ansiedade, cansaço, morte, sedentarismo*. Estes achados seguem na direção de estudos anteriores sobre representação negativa da velhice e sua relação com a aposentadoria (ARAÚJO et al, 2005; SANTOS, 1990).

No tocante às ações para uma aposentadoria bem-sucedida, foram emitidas 98 evocações que agrupadas geraram as três grandes categorias: *Bem-estar do corpo, da mente, do espírito, do eu hedonista e livre* (77,5%); *Bem-estar do outro* (12,2%); *Planejamento financeiro e foco na produtividade* (6,1%). Não respondeu ou respostas não classificáveis constituíram 4,1%.

Dentro da primeira categoria, *Bem-estar do corpo, da mente, do espírito, do eu hedonista e livre*, predominaram as ações voltadas ao bem estar pessoal, por meio do cuidado com a saúde, alimentação, prática de atividades físicas e cuidados estéticos (34%). Em seguida, salientaram-se as ações voltadas ao investimento intelectual (fazer cursos, estudar, ler), ao entretenimento (lazer, viagens, passeios), e ao fazer o que se gosta, no tempo que se quer (distribuídas com percentuais em torno de 13,5%); orações e relaxamento ilustraram a busca espiritual que teve o mais baixo percentual dentro desta categoria (apenas 2,1%). Os agrupamentos formados recobrem fatores presentes na literatura e os resultados seguem a direção dos estudos empíricos acerca dos critérios de avaliação de uma velhice bem-sucedida (NERI, 2011). O engajamento em atividades, o pertencimento e a autonomia também aparecem como fatores importantes na passagem para a velhice e aposentadoria (SANTOS, 1990).

A segunda categoria *Bem-estar do outro*, expressa uma preocupação pró-social (amar mais, cuidar da família, fazer trabalho voluntário, ser útil) o que reitera achados empíricos de recente pesquisa em que mulheres aposentadas procuraram o caminho de resgate de suas identidades sociais exercendo atividades onde se sentiram úteis e produtivas. Em contrapartida, o sofrimento advindo com a aposentadoria decorre da falta de um projeto de preparação para esta mudança. Um fator importante da qualidade de vida, sobretudo na velhice é o suporte social que depende em grande medida de trocas recíprocas, ações de cuidado com o outro. A terceira categoria, *Planejamento financeiro e foco na produtividade*, denota um foco nas condições econômicas, bem como na manutenção de uma vida produtiva. Sentir-se útil, fecunda e realizada são fatores de peso na definição de uma velhice bem-sucedida e na constituição da identidade do aposentado (AUGUSTO; NETO, 2016).

4. CONCLUSÕES

Dados teóricos e empíricos relacionados ao envelhecimento ativo e bem-sucedido têm levantado discussões sobre o envelhecimento saudável, evidenciando que a velhice e o envelhecimento não são sinônimos de doença, inatividade e estagnação do desenvolvimento (NERI, 2011; SILVA, LIMA, GALHARDONI, 2010).

Como se pode ver no presente trabalho, decidir aposentar-se requer equilibrar os ganhos obtidos pela liberdade de tempo (aumento das oportunidades para atividades de lazer e cultura, relacionamento social e familiar, possibilidades de aprendizado, continuidade e tempo para investimentos) e as perdas percebidas frente à aposentadoria (benefícios materiais e salários, quebra no convívio e laços de amizade no ambiente de trabalho) (FRANÇA; VAUGHAN, 2008).

Embora não haja uma receita para o sucesso pós-aposentadoria e o bem envelhecer, os dados empíricos ora trazidos indicam que o balanço entre as atividades produtivas, sociais, familiares, e de lazer resulta na promoção da saúde. Espera-se que este trabalho possa contribuir para reflexão acerca da aposentadoria, no sentido de disseminar informações, alimentar sonhos e definir rumos para que se possa envelhecer e viver cada etapa do ciclo vital com mais qualidade. A melhoria da qualidade de vida na velhice tem sido a meta de vários programas tais como as universidades abertas aos idosos, os centros de convivência, clubes de melhor idade, assim como os cursos de preparação para a aposentadoria que auxiliam a tomada de consciência e decisão de quem está próximo de concluir seu ciclo laboral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, M. M; NETO, I. R Identidade, trabalho e aposentadoria: estudo com trabalhadoras aposentadas de uma fundação pública. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.13 n.23; p. 2016.

ARAÚJO, L. F. de; COUTINHO, M.P.L.; CARVALHO, V.Â.L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 25, n. 1, p. 118-131, Mar. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000100010>.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRESSAN, M. A., MAFRA, S. C., FRANÇA, L. H., MELO, M. S. E LORETO, M. D. Bem-estar na aposentadoria: o que isto significa para os servidores públicos federais? **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 2013; 16(2):259-272.

DUBÉ, D. **Humaniser la vieillesse**. Tradução: Vicente Faleiros. Québec: Editions Multi Mondes, 2006.

FRANÇA, L.H, VAUGHAN, G. Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses frente à aposentadoria. **Psicol Estud.** 2008; 13(2): 207-16

JODELET, D. A Alteridade como Produto e Processo Social. In Arruda, A. **Alteridade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

GOLDSTEIN, L. L. e NERI, A. L. Tudo bem, graças a Deus. Religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de Vida e Idade Madura**. São Paulo: Papyrus, 1993.

LUNA, V.L.R. **Representações e identidades na velhice**. Modos de ver e viver o envelhecimento. [Tese de Doutorado]. UFPB. João Pessoa, 2007.

LUNA, V. L. R. Juventude, velhice e preconceito na perspectiva das representações sociais. In LUNA, V. L. R. ; NASCIMENTO, Z.A. In **Desafios da psicologia contemporânea**, Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, 2010.

MOSCOVICI, S. (1978). **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar.

NERI, A. L. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. NERI, A. L. (Org.). In **Qualidade de Vida e Idade Madura**. São Paulo: Papyrus, 1993.

NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de Vida na Velhice: enfoque multidisciplinar**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2011.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. **Temas de Psicologia**. Vol 14, n.1, 17-34, 2006.

SANTOS, M. F. **Identidade e aposentadoria**. Editora Pedagógica e Universitária, 1990

SILVA, H.S.; LIMA, A.M.M.; GALHARDONI, R. **Envelhecimento feliz e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectivas**. Interface - Comunic., Saúde, Educ.2010.

ZIMERMAN, G.I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 2000.